

# Fabulações travestis sobre o fim

---

**Dodi Tavares Borges Leal**

Universidade Federal do  
Sul da Bahia  
Itabuna, BA, Brasil  
dodi@alumni.usp.br  
orcid.org/0000-0002-1875-8616

---

**Resumo** | Se o tempo cura, qual o tempo da cura? O fim é transitivo ou intransitivo? Quais os traços de uma curadoria de arte temporalizada? O texto aborda, desde a cosmovisão travesti, as interjeições especulativas altamente publicizadas na pandemia do novo coronavírus de "fim do teatro", "fim do gênero", "fim da espécie humana" e "fim do mundo" procurando apreender a operatividade econômico-filosófica curatorial do apocalipse e a curabilidade do fim. Pretende-se equacionar o que há no subsolo destes discursos, aventando o modo fabular das transgeneridades no sentido de desarmar os arranjos de comercialização do fim (KRENAK, 2019) e de barganhas mercadológicas do luto social (ŽIŽEK, 2012). Almeja-se compreender os limites do corpo, da raça, do gênero e da cena para além do dilema da escassez de capital, tendo em vista o alargamento das dimensões cronológicas lineares da branquitude e da cisgeneridade. Notamos, assim, que a artesanaria espiralar do tempo (MARTINS, 2002), corresponde à audácia da elaboração do inacabamento inexorável da existência e da estética. Neste sentido, as fabulações travestis sobre o fim trazem para os estudos do futuro inscrições paradigmáticas de tempografias sincopadas, não obsoletas da arte e da vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte e temporalidade.  
Estudos cênicos de gênero. Curadoria do fim.

---

*Travesti fabulations about the end*

**Abstract** | If the time heals, what is the time for healing? Is the end transitive or intransitive? What are the features of a temporized art curatorship? The text addresses, from the travesti worldview, the highly publicized speculative interjections in the pandemic of the new coronavirus of "end of the theater", "end of the gender", "end of the human species" and "end of the world", trying to apprehend the economic-philosophical curatorial operability of the apocalypse and the curatorship of the end. It is intended to equate what is in the basement of these speeches, coming up the fabled way of transgenerities in the sense of disarming the end commercialization arrangements (Krenak, 2019) and social mourning market bargains (Žižek, 2012). It aims to understand the limits of the body, race, gender and scene beyond the dilemma of capital scarcity, with a view to widening the linear chronological dimensions of whiteness and cisgenerity. We note, therefore, that the spiraling craftsmanship of time (Martins, 2002), corresponds to the audacity of elaborating the inexorable unfinished existence and aesthetics. In this sense, travesti fabulations about the end bring to the studies of the future paradigmatic inscriptions of syncopated tempographs, not obsolescent in art and life.  
**KEYWORDS:** Art and temporality. Theatrical gender studies. Curatorship of the end.

---

**Fabulaciones travestis sobre el fin**

**Resumen** | Si el tiempo cura, ¿cuál es el tiempo de la cura? ¿El fin es transitivo o intransitivo? ¿Cuáles son las características de una curaduría de arte temporalizada? El texto aborda, desde la cosmovisión travesti, las interjecciones especulativas muy publicizadas en la pandemia del nuevo coronavirus de "fin del teatro", "fin del género", "fin de la especie humana" y "fin del mundo", tratando de aprehender la operatividad económico-filosófica curatorial del apocalipsis y la curabilidad del fin. Se pretende equiparar lo que hay en el sótano de estos discursos, provisionando la forma fabular de las transgeneridades en el sentido de desarmar los acuerdos de comercialización del fin (Krenak, 2019) y los negocios de duelo social (Žižek, 2012). Intentase comprender los límites del cuerpo, la raza, el género y la escena más allá del dilema de la escasez de capital, con miras a ampliar las dimensiones cronológicas lineales de la blancura y la cisgeneridad. Observamos, por tanto, que la artesanía en espiral del tiempo (Martins, 2002), corresponde a la audacia de elaborar la inconclusividad inexorable de la existencia y de la estética. En este sentido, las fabulaciones travestis sobre el fin traen a los estudios del futuro inscripciones paradigmáticas de tempografías sincopadas, no obsoletas en el arte y la vida.  
**PALABRAS CLAVE:** Arte y temporalidad. Estudios cênicos de género. Curaduría del fin.

Enviado em: 24/02/2021  
Aceito em: 06/05/2021  
Publicado em: 14/05/2021

*O tempo de cura não é da colonialidade.*  
(Quando encontro vocês – Castiel Vitorino Brasileiro)

As tratativas de "fim de mundo" ganharam altíssima vendabilidade durante a pandemia do novo coronavírus em 2020. As vivências que rompem às normas de gênero, raça e classe — ora especuladas pela já bem pré-pandêmica sociedade branca, cisgênera, elitista e capacitista — nunca tiveram o privilégio colonial da credencial de "humanidade"<sup>1</sup>. A comercialização do fim somou-se, então, a uma *commoditização* das sabenças não-hegemônicas, as quais sempre tiveram de lidar não com o fim da espécie, mas com o fato de a rubrica "humana" nunca ter sido uma prerrogativa de reconhecimento de muitos povos (KRENAK, 2019, 2020a; LEAL, abigail, 2020a; MBEMBE, 2018).

Este é o ensejo do texto. Não apenas averiguar os exercícios de fabulação do fim a partir da perspectiva transvestigêneris<sup>2</sup>, mas, principalmente, analisar o vigor enunciativo das assunções travestis sobre o que se convencionou nomear o "fim da cena teatral", "o fim do gênero", o "fim da humanidade" e o "fim do mundo". No entanto, não será pelo caminho de exaustão da cena/humanidade/mundo que se desenvolverá este estudo, mas sim pelas sendas curvilíneas das intensidades desconcertantes da existência travesti. Procuraremos nos hiatos dos corpos trans os soterramentos do fim colonial para então compreender, destes rastros travestis, quais são os restos de cena, de humanidade e de mundo que exigem fabulação. Neste sentido, este ensaio insere-se no escopo dos estudos anticoloniais das artes cênicas (LEAL; ROSA, 2020).

*Desde a perspectiva travesti, o Ocidente não é um acidente.* E, por não provir de uma acidentalidade, a ocidentalidade é muito mais audaz do que uma aparente ambivalente disputa de pronomes. Se há uma ampla atenção no Brasil atual a respeito das políticas inclusivas de linguagem<sup>3</sup>, não pode-se reduzir as configurações em uma falsa oposição binária entre "o" e "a" ("o"cidente Versus "a"cidente). Tampouco uma possível ruptura à linguagem cisnormativa da língua portuguesa deveria nomear-se "neutra" ou reduzir-se à opcionalidade vocálica entre "o", "e", "a". Romper com o "O" Ocidental requer exercícios onde a linguagem atua nas frestas da colonialidade; onde a fabulação é gíngua e não acidente — sendo o Ocidente ácido (corrói seu próprio mundo) e cisgênero, forjamos a corruptela OCISdente para lhe descrever levando em conta, inclusive, seu ranger de dentes como metáfora do medo cis; onde os modos de valor em suas infinitudes impagáveis (SILVA, 2019) não foram, não são e nunca serão neutros na flecha do tempo cisgênero colonial.

---

<sup>1</sup> "Esta é a sub-humanidade: caiçaras, índios/as, quilombolas, aborígenes. Existe, então, uma humanidade que integra um clube seletivo que não aceita novos sócios" (KRENAK, 2020b, p.8).

<sup>2</sup> O termo transvestigêneris será aqui adotado como similar a transgeneridade, no sentido de referir-se a toda população trans.

<sup>3</sup> "Linguagem neutra: proposta de inclusão esbarra em questões linguísticas", de Marie Declercq, UOL TAB, de 7 de outubro de 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/10/07/linguagem-neutra-proposta-de-inclusao-esbarra-em-questoes-linguisticas.htm>, acesso em 15/1/2021 às 10h16, Porto Seguro - Brasil

Não creio na redenção colonial, aposto na fresta, defendo que há outros caminhos possíveis. Contudo, essas possibilidades, para se manterem operando na luta por justiça cognitivas/sociais, terão de atravessar o contínuo colonial, terão de emergir como ações de transgressão e resiliência. A dimensão da perpetuação dessa esfera de terror reflete o quanto são adoecidas as nossas mentalidades, o quão blindados são os nossos esquemas de saber, o quão regulados são os nossos corpos, tornando-nos impedidos/as cognitivamente de nos desvencilhar dessa trama. (RUFINO, 2019, p.37).

A linguagem é emblemática para o estudo do fim. Pois, aparentemente, uma oposição superficial à cisnormatividade da língua portuguesa reduz-se a pôr fim a um suposto binarismo, dando vazão a uma *todesficação* da linguagem — pressupondo, no razo, que a nomeação “todes” é representativa e totalizante aos conjuntos populacionais humanos (sem com isso reaver a humanidade jamais conferida a muitas existências). Ora, a simplificação ou reducionismo de uso de artigo neutro (como se houvesse neutralidade em linguagem) não põe fim a nenhum colonialismo e, por outro lado, muitas vezes é fuga do jogo de gênero da linguagem. A expressão “todes” nem sequer se compromete com suas foraclosões<sup>4</sup>, nem também com a temporalização do luto de gênero na linguagem<sup>5</sup>.

Mais do que uma encruzilhada, vivemos coletivamente diversas situações de *encruzi-travas*, como esta operante na linguagem. Outro exemplo recorrente em atividades que se desenrolaram em tempos de confinamento nas atividades online com projeções de espetáculos, aulas e reuniões, o uso excessivo, banalizado e ofensivo do verbo “travar”. Ora, proferida abusivamente pela cisgeneridade em situações de falha de conexão ou congelamento das telas, há um exercício de pejorativização do verbo travar. Uma pretensa esquivada da encruzi-trava. Pois, se Exu é o guardião da encruzilhada, as Pombas-Giras são as rainhas das encruzi-travas. E não há como sustentar a fuga fabular e das maravilhosidades de travar às quais a cisgeneridade é convocada a posicionar-se.

Neste texto, trataremos da fabulação travesti enquanto exercício narrativo que expande a curadoria do fim para além da especulação do valor comercial apocalíptico, o qual insiste em favorecer a elite branca cisgênera colonial. Interrogamos então: Há cura para o que não dura? Fabular é não aceitar o fim da narrativa como o fio da narrativa? O que significa travar um espetáculo teatral online? É possível curadorias não obsoletas em torno da descartabilidade do fim? Quais as tempografias sincopadas da

---

<sup>4</sup> Em termos da psicanálise lacaniana (Žižek, 2012), a foraclosão é uma operação paradoxal de temporalidade da linguagem na psicose na qual a não inscrição de significantes se dá em termos da prescritibilidade do exercício da libido. O sentido aqui empregado de que a formulação “todes” não se compromete com suas foraclosões se dá no sentido de que, como nomeamos, a *todesficação* da espécie opera como uma hiperbolização da angústia da linguagem; ou seja, ainda na psicanálise lacaniana, a angústia como “a falta da falta” encontra no “todes” um possível desespero de renormatização da linguagem sem adesão às historicidades subjacentes e suas consequências. Na próxima seção, apontaremos dois modelos de tempografias fabulares, sendo uma delas a processualização do luto social adjacente ao binômio fim dos tempos x fim do capitalismo.

<sup>5</sup> Na próxima seção, apontaremos dois modelos de tempografias fabulares, sendo uma delas a processualização do luto social adjacente ao binômio fim dos tempos x fim do capitalismo.

performatividade fabular? De que forma enfeitiçar, de uma perspectiva transgênera, os prazos de validade da cena, do corpo, da espécie humana e do mundo? As temporalidades performativas da racialização do gênero e da generificação da raça trazem quais curas ao mundo machucado?

### **Performatividade Fabular das Curas Travestis**

O capitalismo não tem fim. Não porque seja infinito, mas porque na sociedade colonial é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo<sup>6</sup>. E, logo no início da seção, perguntamos sobre o fim: o que há nos recônditos da *venda do amanhã*<sup>7</sup>? A comercialização do futuro é uma narrativa autodestrutiva pois se inscreve na prática de transformar o fim da narrativa em um fio narrativo. O pacto cisgênero com a branquitude é perspectivado pelos ganhos econômicos da ideia de “fim da cena teatral”. Pois, se já não há valor ou suporte para a manutenção de sedes de coletivos e edificações teatrais e que a vida não-branca e não-cisgênera é descartável, tornar a cena online só faz sentido com o seguinte atributo econômico-filosófico da cisbranquitude: as vidas que importam ser vividas são aquelas que estão conectadas. Mas, quais são as facetas da necropolítica nas quais se inserem o presente?

É possível friccionar disciplinas de gênero sem por em risco narrativamente o projeto colonizador capitaliCISTA? A insurgência de pronunciar o instante do corpo travesti ameaçado pela pandemia do coronavírus é um ato crônico que se aproveita do fluxo do produtivismo para promover-lhe devires improdutivos. A teatralidade negativa da poética épica tem na indisciplina de gênero uma temporalidade de corpo que desvela os modos de violação de direitos pelo Estado. A teatralidade positiva da poética dramática, por sua vez, se sustenta na ficção ilusionista contornada de comoção e convencimento. Esta é a biopolítica de gênero que tem seu próprio contraponto dramático necropolítico: *a gestão de vidas que devem ser vividas se dá pela comoção e pelo convencimento em paralelo à gestão das mortes que devem ser morridas*. Dado que o Estado brasileiro é fálico (neca) e machista, vivemos aqui não somente a necropolítica, mas a *necapolítica*. (LEAL, Dodi, 2020a).

Em verdade, diante do pacto cis-branco-tela, vivemos a *necapolítica* digital. Neste contexto, as redes sociais são um campo alterno de produção de nano volatilidades da vida. Destino talvez mais fabuloso do que fabular. O *Instagram*<sup>8</sup>, por exemplo, é talvez a plataforma mais paradigmática em que, ao passo que produz espaços de acolhimento, expressão e reconhecimento para grupos não-hegemônicos, é também o espaço onde a cooptação é não só assentida, mas desejável. A aferição das histórias é feita em “gramas instantâneas”, nas quais fabular reduz-se a ter *stories* fabulosos. De acordo

<sup>6</sup> Em referência à obra *É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* de Mark Fisher. (São Paulo: Autonomia Literária, 2020).

<sup>7</sup> Krenak 2020b.

<sup>8</sup> “Instagram cresce na pandemia e já é 31% maior que Facebook”, Monitor Mercantil, de 21 de setembro de 2020. Disponível em: <https://monitormercantil.com.br/instagram-cresce-na-pandemia-e-ja-e-31-maior-que-facebook/>, acesso em 15/1/2021 às 14h46, Porto Seguro - Brasil.

com Pavis (2015), na análise narrativa, a fabulação pode tanto se referir, de um lado, à história contada ou ação (tendo a categoria *story* como paralelo na crítica anglo-saxônica) e, de outro lado, ao discurso contante ou intriga (tendo a categoria *plot* como paralelo na crítica anglo-saxônica). De fato, o que vivemos com os stories do Instagram é uma pixelização dos recônditos do que pode a teatralidade em termos de suas formas narrativas de valor especulado. Então, desde uma perspectiva travesti perguntamos: seriam os stories do Instagram microfábulas do fim da fábula? Os estudos da fabulação do fim a partir da crítica teatral transvestigêneris poderiam, então, indicar a eventualidade de uma repaginação, nas últimas duas décadas, do ideário do filme “O Fabuloso Destino de Amélie Poulin”<sup>9</sup>, do início do século, para “O Fabular Fim da Travesti Pixelada”.

Se há a marca cisgênera do capitalismo (capitaliCISmo), poderíamos inferir que, da mesma forma que seria notadamente mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo, seria também mais fácil imaginar — e comercializar — o fim do mundo do que conceber — e fabular — o fim da cisgeneridade? Não estaria a ideia de “fim de mundo” tentando camuflar os verdadeiros fracassos coloniais? Assinalamos aqui que, o tal de “fim de mundo” refere-se, antes, ao fim de um mundo: o mundo da branquitude, o mundo da cisgeneridade, o mundo adultocêntrico, o mundo capacitista, etc.

Mas, na performatividade fabular do fim, em contraste com a vendabilidade discursiva do fim, poderia a cura travesti ser digital? Em que medidas fabular é curar? A noção de performatividade transgênera (Leal, Dodi, 2018) aponta para o caminho no qual, nas construções fabulares de transição, a legitimidade se dá ao passo da legibilidade. Então a cura fabular só pode ser uma transmutação (BRASILEIRO, 2019) se estiver maculada com a recepção teatral da digitalidade.

Mas, perguntar se a cura travesti pode ser digital nos aportaria as mesmas prerrogativas, portanto, para interrogar a digitalidade das divindades. Gotas e oceanos poderiam ser traduzidos em pixel tal como a fé? Como operar as narrativas de apocalipse matizando o fim do capitaliCISmo ao fim do cristianismo? Pode a internet salvar?<sup>10</sup>

Fascinada pelo nada  
Esquecida pelo todo  
Eu tô gritando, é por socorro  
Pra Deisy vir me salvar

Sensível como uma pedra  
Eu tô fumando a minha erva  
E construindo nossa arca pro dilúvio  
Começar (e construindo a nossa arca, arca)

Me renova  
Tá ficando foda

<sup>9</sup> (França, 2h9min, 2001).

<sup>10</sup> Em referência à obra *Pode o subalterno falar?*, de Gayatri Spivak (Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2018).

Eu já nem vejo a hora  
Do dilúvio começar e tudo  
Recomeçar

Pling, pling, pling, pling  
Plong, plong, plong, plong

Só se salva, quem crê na trava  
Só se salva, quem entra na arca  
Só se salva, quem tem a marca  
Só se salva quem é

Chuva de vida trava (trava)  
Lava, invade, refaz, restaura  
Rio de vida trava (trava)  
Nutre, inunda, conduz, nos ara  
Chuva de vida trava (trava)  
Toma toda terra seca, torna fértil toda alma  
Rio de vida trava (trava)  
Mata a sede das sedentas que com fé destrava?

Correnteza impetuosa  
Contra o mundo machucado  
Flui de nós, com poder e glória  
Cura o corpo alvejado

Glória céu, travesti  
Glória céu, travesti  
Cura por todos nós

Te move  
Poder e libertação

(Dilúvio - Alice Guél ft. Ventura Profana).<sup>11</sup>

Os processos de espiritualidade hoje podem ser cênicos na medida em que são digitais. No entanto, mais do que um estudo religioso, buscamos aqui compreender a cura travesti como performatividade fabular sobre o fim. Observemos, então, dois modelos do que chamaremos de *tempografias fabulares*. Mas, antes, questionamos: no que consiste tempografar fabulações? Talvez estejamos a almejar uma escrita gráfica de narrativas que tenha em vista a *compreensão do tempo como um templo*. Mais do que a santificação das horas, mais do que a beatificação dos momentos, e para além de uma hagiografia da memória, a tempografia fabular prospecta a experiência como um verdadeiro altar que, para além da ambiguidade analógico/digital, preconiza a vivificação dos atos que exigem tempo de elaboração fabular. Neste sentido, a grama do Instagram não dá conta de tempografar a fabulação da existência.

Cura travesti, no entanto, não deve ser confundida com as travestis salvarem o mundo de si mesmo. As transgeneridades, até 2019, eram

---

<sup>11</sup> Dilúvio - Alice Guél ft. Ventura Profana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cnkGWJqqUxY>, acesso em 15/1/2021 às 11h01, Porto Seguro - Brasil.

consideradas manifestações de transtorno mental. Hoje, fica nítido que quem está doente é o mundo, a humanidade, a branquitude e a cisgeneridade. Mas, o comprometimento da cura travesti não é com a inversão dos padrões de patologização do gênero e de salvação dos parâmetros normativos de existência. O pacto travesti é o de contribuir para as anunciações de que o mundo colonial é indefensável e insustentável.

Tenhamos então, como aporte os tais dois modelos de tempografias fabulares. No primeiro, nos referimos a Martins (2002, p.70) que, em seus estudos dos rituais de Congado de Minas Gerais analisou que os cosmogramas dos povos africanos em diáspora no Brasil formam acepções espiralares de performances do tempo em que “processos de criação de muitos suplementos que buscam cobrir as faltas, vazios e rupturas das culturas e dos sujeitos que aqui se reinventaram, dramatizando a relação pendular entre a lembrança e o esquecimento, a origem e sua perda”. Assim, nos Reinados, a escravização e humilhação secular de povos negros é fabulada a partir da curvatura do tempo nas lacunas entre: (1) a descrição da repressão vivenciada; (2) a reversão simbólica dessa situação; e (3) a instituição de um novo poder fundado pelo arcabouço mítico e místico. Ora, para além de uma linearidade, a atividade fabular ganha nesta tempografia uma ritmação sincopada em que o pêndulo da memória vai e volta, atua sobre as marcas coloniais do esquecimento e agindo nos hiatos temporais da história traçada pelos grupos dominantes.

Já o segundo modelo, faz referência a Žižek (2012) que desenvolve um esquema de compreensão das crises apocalípticas do início do século XXI: crise ecológica, revolução energética, problemas de propriedade intelectual, lutas vindouras por matéria-prima, comida e água e o crescimento explosivo de divisões e exclusões sociais<sup>12</sup>. A matriz psicanalista de sua filosofia dá a base para a sua argumentação de que a perversidade espiritual do céu (em referência ao projeto hebraico-cristão do Ocidente em vias de auto-aniquilamento) organiza as forças econômicas da vida social mundial em colapso como que num processo de luto com relação ao neoliberalismo. Assim, nesta perspectiva de tempografia fabular, o estudo do fim se circunda de escalonamentos da negação da utopia liberal para a raiva da realidade político-teológica; da raiva para a barganha mercadológica das existências; da barganha para a depressão enquanto trauma neuronal e um novo pulsar proletário do mundo; e, da depressão para a aceitação que retire as forças de esquerda de uma posição atônita fazendo recuperar a causa operária hoje a partir de todos os redimensionamentos da luta de classes em torno de subjetividades emancipatórias.

A cura travesti, se matizarmos os dois modelos de tempografias fabulares com a música *Dilúvio* de Alice Guél ft. Ventura Profana<sup>13</sup>, é uma

<sup>12</sup> Observemos que todas estas prenúncias já se subscreviam antes da pandemia do novo coronavírus e que se aprofundaram com ela (Leal, abigail, 2020a; Leal, Dodi, 2020a; Krenak, 2020a; Preciado, 2020).

<sup>13</sup> "Filha das entranhas misteriosas da mãe Bahia, donde artérias de águas vivas sustentam em fé, abundam. Ventura Profana profetiza multiplicação e abundante vida negra, indígena e travesti. Rompe a bruma: erótica, atômica, tomando vermelho como religião. Doutrinada em templos batistas, é pastora missionária, cantora

inscrição sincopada de uma prática de reversão simbólica da dor visando subjetividades emancipatórias de luto/luta. Declaradamente espiritual, a cura travesti ativa forças anímicas do mundo perspectivando que o gênero é tão passível de cristianização como de anticolonização.

Neste sentido, os instrumentos técnicos da teoria teatral dramática sobre o fim, que compreendem as categorias de "cláusula, desenlace, conclusão, extremidade, cume, epílogo (...)" (PAVIS, 2017, p.133) ganham com a performatividade fabular da cura travesti um escalonamento pendular que dinamita a cristandade litúrgica da narrativa. Mas, nesta tempografias, as forças espirituais não se dão exatamente a partir do gênero da terra, do gênero da água e do gênero do fogo e do gênero do ar. Mas pelo percebimento digital de que há transmutação de gênero no inacabamento dos elementos terra, água, fogo e ar. Pela confabulação com o tempo, divinizando-o em templo onde as inscrições de vida racializadas ensinam novos modos de guerrear (LEAL, abigail, 2020b) e novas lógicas de pulsar poético (TÉO, 2018) a partir das transgeneridades.

Vejamos, a seguir, os meandros da curadoria de arte no contexto das fabulações travestis sobre o fim.

### **Curadorias Encantradas e Inacabamentos Enfeitiçados**

Em 2020, por ocasião da 7ª Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp), foi realizada a Encontro de Pedagogias da *Teatra: afetividades do saber riscar e arriscar*<sup>14</sup>, com curadoria de Dodi Leal e coordenação de Maria Fernanda Vomero, no quadro do eixo ações pedagógicas da mostra<sup>15</sup>. Uma das marcas da proposta curatorial foi a de aportar as transgeneridades como um fundamento cênico imprescindível do tempo presente. Observa-se, no entanto, que para muito além da referida mostra, em si, a Encontro revela alguns traços fundamentais do que discutiremos aqui enquanto uma formulação de curadoria *encantrada*.

A noção de encantamento do mundo, é uma proposta de assumir a autoridade tática das prospecções e reconexões na vida, devastada pela hipermercantilização das sobras da colonização. De acordo com Simas e Rufino (2020, p.6), é preciso driblar as condições de exclusão, romper com a lógica das

---

evangelista, escritora, compositora e artista visual, cuja prática está enraizada na pesquisa das implicações e metodologias do deuteronomismo no Brasil e no exterior, através da difusão das igrejas neo-pentecostais. O óleo de margaridas, jiboias e reginas desce possante pelas veredas até inundá-la em desejo: unção. Louva, como o cravar de um punhal lambido de cerol e ferrugem em corações fariseus." Goethe-Institut Salvador - Ventura Profana. Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/sta/sal/ueb/vil/ven.html>, acesso em 15/1/2021 às 16h32, Porto Seguro - Brasil.

<sup>14</sup> "A Encontro é um espaço para revitalizar as metodologias de criação teatral de espaço e de cena. A combinação de rodas com oficinas, sarau e momentos de convívio pretende instigar os afetos vetoriados pela perspectiva transfeminista de transição de gênero da área teatral: do teatro para a teatra. Pretendemos instigar novas pedagogias baseadas nos saberes trans. (...) Estamos aqui arregimentando um espaço de resistência, circular, efêmero em sua provisoriedade; permanente em seu impacto. Pode repetir-se. Pode ser apenas o começo. A densidade das encontros está na expansão que pode promover às nossas narrativas e trocas em sociedade. Ainda que o valor qualitativo que salta à visão desta curadoria seja os seus nomes, muitos ligados a pessoas trans reconhecidas na cena, prospectamos que seu maior alcance está nas reconfigurações erráticas que almeja. Encontremos, então: a fazer das teatras as nossas vias de encontros." (LEAL, Dodi, 2020b, p.22-23). — trecho do programa da Encontro.

<sup>15</sup> Importante destacar que o desenvolvimento do projeto da Encontro, concebido por uma curadora trans, foi articulado no contexto em que a mostra continha espetáculos de pessoas trans na sua programação, além de contar com uma tradutora-intérprete, uma crítica teatral, mestre e mestra de cerimônia e diretora trans.



“sobras viventes” (da sobrevivência para a supravivência) e agir contra o “desencanto: perda de vitalidade, que reifica as raízes mais profundas do colonialismo”.

(...) encantar é expressão que vem do latim incantare, o canto que enfeitiça, inebria, cria outros sentidos para o mundo. Em algumas culturas do norte da África e da Ásia, é comum o ritual do encantamento das serpentes. Ao abrir o cesto onde a cobra repousa, o/a encantador/a sabe que a serpente despertará com a luminosidade para ver o que está ocorrendo. Ao enxergar a flauta, a serpente assume uma posição natural de defesa, com parte do corpo na vertical. Quem dará o bote primeiro? (SIMAS; RUFINO, 2020, p.4-5).

O mundo está adoecido pela colonialidade. Para pensar a ação curatorial diante deste contexto observamos, desde a perspectiva transfeminista teatral (Leal, Dodi, 2018), que os projetos cênicos precisam lidar com a predominância masculina, cisgênera e branca da teatralidade institucionalizada. Se o mundo está machucado é porque está cheio de machos. E, neste panorama, é preciso provocar transições, não apenas das pessoas, mas também das áreas do saber (como indicamos adiante, a passagem do teatro para a teatralidade).

Eu determino que termine aqui e agora  
 Eu determino que termine em mim, mas não acabe comigo  
 Determino que termine em nós e desate  
 E que amanhã, que amanhã possa ser diferente pra elas  
 Que tenham outros problemas e encontrem novas soluções  
 E que eu possa viver nelas, através delas e em suas memórias

Entre a oração e a ereção  
 Ora são, ora não são  
 Unção  
 Bênção  
 Sem nação  
 Mesmo que não nasçam  
 Mas vivem e vivem  
 E vem

Se homens  
 Se amam  
 Ciúmes  
 Se hímen  
 Se unem

A quem costumeiramente ama  
 A mente ama também

Não queimem as bruxas  
 Mas que amém as bixas  
 Mas que amém  
 Que amém  
 Clamem  
 Que amém  
 Que amém as travas também

Amém

(Oração - Linn da Quebrada ft. Jup do Bairro, Alice Guél, Danna Lisboa, Liniker Barros, Ventura Profana, Urias e Verónica Decide Morrer).<sup>16</sup>

Esta oração coletiva de travestis é uma profecia de que o mundo precisa amar, e amar, as travas. As travas do mundo precisam ser amadas. Retomando um tema comentado no início do texto, quando um espetáculo teatral online trava, o ato de travar jamais deve ser motivo de enfurecimento, mas motivo de amor. Amor pelas interrupções dos CISTemas. Enquanto condenar as suas travas (tanto as pessoas travas e quanto as travas no sentido de congelamentos de tela), a cisgneridade estará blasfemando contra si própria pois o feitiço já está lançado. E o bloqueio de conexão pode ser o primeiro bote, de muitos.

Encantravar é o encantamento travesti do mundo. Assunção das interrupções das dominações e congelamento das marcas coloniais do gênero: a cisgneridade e a masculinidade. Não à toa, a curadoria encantravada de arte é um melhoramento do mundo a partir do amulheramento do mundo. Mulherar é melhorar: agir na dominação cispatriarcal do mundo que forja a masculinidade como paradigma de nação e autoridade: dominação ("do-homem-nação"). O encantravamento curatorial da teatral é inexoravelmente um processo de cura nas artes cênicas pois altera as estruturas da escassez de imaginário e de arregimentação das burocracias que visam sua auto-manutenção. Travesti é excelência. Encantravar o mundo é recusar o paradigma disciplinar da produtividade e competitividade cisgêneras e instaurar as indisciplinas transgêneras como episteme fabular.

Buscando avaliar uma questão previamente indicada, retomamos: é possível curadorias não obsoletas em torno da descartabilidade do fim? Ora, a curadoria encantravada busca nas interrupções seu nodo paradigmático de estudo dos inacabamentos. A descartabilidade do fim está assinalada na desvalorização da pausa ou do corte de modelos indefensáveis. Quem teme interrupções é porque as capitaliza. A pandemia do novo coronavírus foi exemplar neste sentido (PRECIADO, 2020), ao demonstrar como o temor da falta de operatividade do capitalismo revela que para este projeto colonial a vida não produtiva não importa. É por isso que o fim torna-se descartável na sociedade capitalista, pois o acabamento está ligado à sua comercialidade. Eis que o diga a aurática obra de arte — sendo que, mesmo as "acabadas" sempre exigirão acabamento/elaboração pela recepção.

Mas, de que forma enfeitiçar, de uma perspectiva transgênera, os prazos de validade da cena, do corpo, da espécie humana e do mundo? Bem, se o encantravamento curatorial traz anunciações e interrupções, seja anunciando para interromper, seja interrompendo para anunciar, o que desenha-se é o estudo do

---

<sup>16</sup> Oração - Linn da Quebrada ft. Jup do Bairro, Alice Guél, Danna Lisboa, Liniker Barros, Ventura Profana, Urias e Verónica Decide Morrer. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI>, acesso em 15/1/2021 às 11h08, Porto Seguro - Brasil

inacabamento como lançamento de feitiço. Cena, corpo, humanidade, mundo, etc. enfeitizam-se enquanto inacabamento.

Os aportes informacionais da curadoria de arte encantrada é necessariamente um tráfico. As ideias que circulam em lugares proibidos, as artistas que se apresentam com suas obras ora censuradas, as pesquisas feitas por pessoas trans — a pesar do desencorajamento institucional acadêmico e da subjugação científica vivida pelas transgeneridades no Brasil atual. Traficar o fim é não permitir que ele seja comercializado. Fabular o tráfico para que aquilo que é proibido hoje floresça amanhã, a despeito das forças conservadoras anacrônicas.

Neste sentido, é preciso notar a diferença da curadoria encantrada e seus inacabamentos enfeitizados em relação aos modos noticiais em que as informações são trocadas na sociedade. O jornalismo pode e deve ter um papel de amplificação das vozes e apuração dos acontecimentos. No entanto, a comercialização da notícia tem estado de conluio com a vendabilidade do fim. Neste sentido, há contextos e situações que o valor da informação encantrada deve ultrapassar os ditames da institucionalidade das notícias. Encantrar enquanto curadoria é também uma ação editorial que pode preconizar menos jornalismo e mais bajubás<sup>17</sup>, menos especulação e mais mistério. O feitiço das editorias travestis — editrivas<sup>18</sup>— já foi lançado.

### **O Perigo de Uma Trava Única e as Inversões de Extinção de Espécie**

A cismatização é colonial (VERGUEIRO, 2018). Transformar os CISTemas medíocres e violentos exige modos de fabulação travestis que esgarçam os ditames desencantados. Uma das formas mais perversas de exercício da opressão a pessoas trans é a *tokenização* das nossas existências. Token é uma chave eletrônica que dá acesso a uma situação a ser adquirida. No contexto da formação do valor econômico, a cismatização colonial funciona a partir da fetichização das vivências não-hegemônicas. Aplicadas à transgeneridades, constructos como “a travesti de estimação” (LEAL, Dodi, 2018) denunciam não apenas a animalização dos corpos trans, mas um exercício de tutela cisgênera das existências trans.

Um dos efeitos metonímicos de ter apenas uma pessoa trans em um coletivo ou elenco teatral, nos demais espaços de trabalho, de estudo, familiares, afetividades e amizades, é o de que toma-se a parte pelo todo. Ou seja, há uma ética colonial de cafetinagem na tutela que opera no contexto narrativo sobre o conjunto da população. Tem-se aí uma formação de valor que dá acesso a outro patamar social. Contar com pessoas trans no círculo social de pessoas cis passou a ser uma vantagem econômica ciscolonial que somente funciona com o rebaixamento intelectual das transgeneridades. Nestas arregimentações daquilo que poderíamos chamar de *Ecuirnomia da CULTura*<sup>19</sup>. as pessoas trans não são nem

<sup>17</sup> “(...) pajubá ou bajubá que, no candomblé ou fora dele, significa: fofoca, novidade ou notícia”. (Leal, Dodi, 2018).

<sup>18</sup> No pajubá, edi refere-se ao cu (Leal, Dodi, 2018). Editrava seria, neste sentido, a fabulação de informações do/pelo cu da trava, no sentido de uma tripla proibição (proibição da informação/fofoca, proibição do cu, proibição das transgeneridades).

<sup>19</sup> Ecuirnomia da CULTura foi uma conversa da Profa. Dodi Leal com a produtora cultural Daniele Sampaio, realizada pela SIM! Cultura, de Campinas - SP em 16/09/2020. Sinopse: “Tendo como perspectiva a epistemologia sudaca

compradas nem vendidas: são a própria moeda. A chave eletrônica de acesso da cisgeneridade a outras posições valoradas.

Pessoas trans são tidas pela cisnormatividade como não complexas. No entanto a transgeneridade é um exercício de montagem cubista, com peças em *collage*<sup>20</sup>, ou bricolagem<sup>21</sup>. "Em 2010, coloquei 375ml de próteses mamárias. Fui montando como quebra-cabeça, parte a parte. Juntando cada recorte. A travesti é uma mulher cubista com um picasso"<sup>22</sup>. A formação ciscolonial de valor sobre os corpos trans se dá não pelos princípios marxistas da sequencialidade e da separabilidade, guardando proporções com uma acumulação primitiva e de apropriação do produto do trabalho. Quando Silva (2019) aponta o procedimento da acumulação negativa como operação colonial que forja o capitalismo, ela nos aponta um caminho interessante para a compreensão da formação do valor ciscolonial sobre o corpo trans.

Advogamos aqui que a temporalidade das colagens travestis são acumuladas negativamente pela força colonial da cisgeneridade a partir de "procedimentos de coerção transformacional de duplo vínculo estabelecido por sistemas colonizadores" (HABIB, 2020a, p.70). De acordo com o autor, que avalia os circuitos econômicos de cooptação da transformabilidade dos corpos no contexto das artes cênicas:

Duplo vínculo é a designação de situação em que um sujeito recebe duas ou mais informações conflitantes e paradoxais em simultâneo, uma negando a outra. Um acerto em uma resposta a uma dessas informações resulta conjuntamente em falha nas respostas às outras. Isso torna qualquer resposta possível automaticamente equivocada. O duplo vínculo, como simultaneidade de mundos visíveis e invisíveis, é um local habitado pelos Corpos Transformacionais, quer queiram, quer não. (HABIB, 2020b, p.189).

Neste sentido, a acumulação negativa da transformabilidade dos corpos trans é uma operação ciscolonial de formação de valor que conjuga abjeção e objetificação. O duplo vínculo se dá não porque a abjeção anule a objetificação: ambas se complementam para anular o valor das falsas inclusões ou dos falsos sucessos relegados socialmente aos corpos transgêneros. Tendo em vista a perspectiva de Adichie (2019) cuja obra "O Perigo de Uma História Única" deu ensejo parcial ao título desta seção "O Perigo de Uma Trava Única", visualizamos duas dimensões em que a acumulação negativa atua sobre a vendabilidade do

---

de abigail Campos Leal que, no gerúndio, nos apresenta o fazer cultural escuirecendo a partir da pretitude trans e tendo em vista também as fissuras de Pêdra Costa, que transpofagiza Boaventura de Souza Santos — das Epistemologias do Sul para as Epistemologias do CU —, iremos investigar neste diálogo as novas ecuirnomias artísticas do século XXI, procurando entender as produções de riquezas indisciplinadas, as gestões insubmissas e as recursividades financeiras insurgentes. Dos bitcoins para as travecoins. A atividade aconteceu em parceria e no quadro do Componente Curricular "Tópicos Especiais em Artes do Corpo em Cena - autogestão e produção" do curso Artes do Corpo em Cena da UFSB. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_pcRYzL8Ua0](https://www.youtube.com/watch?v=_pcRYzL8Ua0), acesso em 15/1/2021 às 21h49, Porto Seguro - Brasil.

<sup>20</sup> Ver Leal, Dodi (2018).

<sup>21</sup> Ver Araruna (2019).

<sup>22</sup> Trecho do filme média-documentário Corpo, sua autobiografia, de Renata Carvalho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nEx6s7b4a9U>

fim ao indignificar as vivências transgêneras e não reconhecer as nossas complexidades narrativas.

A primeira é o já mencionado efeito metonímico de tomar a parte pelo todo. Adichie (2019) relata que a reiteração de uma única história, ou modelo fabular, levou-a a crer que tal lógica era inerente do que poderia ser a ontologia de um livro. Ora, uma travesti única nos espaços (sem a ocupação e frequência de outras pessoas trans nestes espaços) reitera que todas as existências transvestigêneris têm a mesma fabulação sobre o mundo ou sobre a própria transgeneridade. O segundo efeito é a cooptação das periculosidades. Ser trans é perigoso ao sistema. No entanto, tornou-se um valor apropriativo para a cisgeneridade atribuir-se características, gestos, vocábulos e até mesmo narrativas de pessoas trans para “pagar de bonita”, vender uma imagem de desconstruída. Em outras palavras, se apropriar das colagens trans para passar uma imagem de descolado.

Tal alucinação poderia ser nomeada de aluzcisação (“a-luz-cis-nação”), em oposição ao constructo luzvesti — a força lírica da expressão das desobediências de gênero a partir da performatividade da luz cênica (Leal, Dodi, 2018). Neste sentido, a luz da cisgeneridade é a sua inexorabilidade com a prospecção da noção de nação. Enquanto a transgeneridade carrega consigo um potencial de perda da nação com a transição (de vir apátrida da transgeneridade), a cisgeneridade está amalgamada com o delírio da formação dos Estados Nacionais e, portanto, com a própria avenção da colonialidade. Se pensarmos nas credenciais de perda da nação como perda da espécie, estamos falando de uma fabulação de fim de uma humanidade que nunca foi conferida a determinados corpos tidos como não-nacionais (não cis, não brancos, não elitistas, não capacitistas). A apropriação cisgênera sobre os fazeres e discursos transgêneros é um delírio aluzciségeno que somente funciona aficcionado com a manutenção da normativa do gênero enquanto pilar da nação.

É preciso agir no ideário que a cisgeneridade criou sobre os corpos transgêneros: dos fetiches para os feitiços. Dando continuidade à reflexão da sessão anterior sobre o feitiço editorial/curatorial encantrado lançado nas informações inacabadas, observamos que os corpos trans permitem.

(...) imaginar uma forma barata e autoexperimental de um bioterrorismo de gênero faça-você-mesmo que poderíamos denominar — em referência às políticas de gestão do software livre — política *gendercopyleft*, uma micropolítica de células que, para além das políticas de representação, busca pontos de fuga frente ao controle estatal de fluxos (hormônios, esperma, sangue, órgãos etc.), códigos e instituições (imagens, nomes, protocolos, inscrições legais, arquitetura, serviços sociais etc.) e à privatização e à mercantilização destas tecnologias de produção e modificação do gênero e do sexo pelas corporações farmacopornográficas. O axioma do cordeiro: o princípio autocobaia. O objetivo do cordeiro: lutar contra a privatização do corpo e a redução da *potentia gaudendi* à força de trabalho, a uma marca registrada, a um copyright e a um biocódigo fechado. O modo de funcionamento do cordeiro: pirataria de hormônios, textos, técnicas corporais, práticas, códigos,

prazeres, fluxos, substâncias químicas e cartografias... A transformação do corpo da multidão em arquivo político aberto: a *somathèque*<sup>23</sup> comum. (PRECIADO, 2018, p.404).

Na era da economia criptografada, a digitalidade das moedas faz com que pensemos sobre o valor da informação dos corpos trans para a sociedade atual. Se o corpo trans é um sistema livre, de código aberto, estaríamos assim facilitando a apropriação econômica e narrativa das transgeneridades pela cisgeneridade? De certa forma, há valores temporais das existências trans que promovem uma inversão eletrônica da narrativa de extinção da espécie humana. Pois, a proteção de valor a existências trans que não podem ser vividas também se dá pela criptografia. Não de *bitcoins*, mas de *travecoins*.

Diante da descartabilidade dos discursos sobre o fim, guarda-se na experiência trans valores econômicos profundos que jamais poderão ser cooptados no sentido de objetificação, ainda que funcionemos aparentemente (aos olhos da cisgeneridade), e devido a nossas anunciações, como códigos abertos de gênero. Neste sentido, a somateca de Preciado (2018) precisa ser equacionada, como procedemos neste estudo, com os modos criptográficos de encantramento de vivências trans do Sul global já que, aqui, a criptografia dos códigos de gênero funciona na base da macumba e da amarração.

Mesmo que o enigma lançado seja desamarrado, esse feito só é possível através do lançamento de um novo enigma, uma nova amarração. Ou seja, o seu desate é sempre provisório e parcial, uma vez que a leitura que o desvenda pode vir a ser apenas parte da construção do enigma e só é possível a partir de um novo verso enigmático que se adicione ao elaborado anteriormente. Neste sentido, a noção de amarração, assim como a macumba, compreende-se como um fenômeno polifônico, ambivalente e inacabado. (SIMAS e RUFINO, 2018, p.15).

Neste sentido, a amarração é um ato de tornar inacabado o processo de código aberto de gênero pois é avessa a qualquer tipo de apropriação. A suspeição da existência do oportunismo cisgênero é mote de feitiço para novas amarrações encantradas. E, temos aí, uma operação de inversão econômica e agencial de extinção da espécie humana. Pois, a codificação *travecoins* ensina as novas amarrações informativas fundamentais para a atuação do mistério de gênero, trazendo apontamentos nupérrimos sobre a agência de mistérios da espécie.

Travestis estão em extinção? Se o capitalismo promove a venda do discurso do apocalipse, a arte travesti é temporalizada no após-Calypso (Leal, Dodi, 2020a). Enquanto tentam vender o futuro, os poderes dominantes da nação promovem o imaginário cisgênero como corpo robótico. Os estudos de engenharia chamam de "trans-humanismo" as imbricações da espécie humana orgânico-máquina mas, no entanto, fomentam um ciborgue burguês e cisgênero. E, o corpo ciborgue não será cis-burguês<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> "Minha noção de *somathèque* em francês se refere a tecnologias somáticas para o corpo como acervo cultural tecnovivo — como na palavra *bibliothèque*, que significa biblioteca" (Preciado, 2018, p.406).

<sup>24</sup> O corpo ciborgue não será cis-burguês. Crítica da peça BURGERZ, concepção e atuação: Travis Alabanza, Reino

Encantravar a humanidade é transpor os enigmas de gênero para feitiços de enigmas da espécie. As pessoas trans sempre fomos ciborgues, bricoladas de futuro e sincopadas de voltas tempografadas de inacabamentos misteriosos onde a periculosidade é a insustentabilidade do CISTema com a presença de muitas travas.

### **A Teatra como Fimturo do Teatro**

Chamaremos aqui a especulação do fim como modo de aventar o futuro como *fimturização*. O *fimturo* é, então, um estágio em que a vendabilidade do fim está marcado pela formação de valor do futuro. Mas o que ganha-se com a obsolescência programada do teatro? Da mesma forma que a vendabilidade do fim da espécie, do gênero e do mundo como um todo incita ao desespero de consumo: na economia liberal clássica, gerar escassez na oferta é um atributo de clivagem para a demanda posicionar-se com ativação do consumo — obviamente com a concomitância do aumento do valor do que é comercializado. Na verdade, o fim é o grande negócio, o futuro é a embalagem e os derivados são apenas as engrenagens já conhecidas que permitem o todo operar.

Caminha junto com o que Mombaça (2020, p.8) nomeou de plantação cognitiva, referindo-se aos sistemas e circuitos de arte que ao agenciar as ideias, a produção visual, sonora e textual de corpos não-hegemônicos, repetem os esquemas coloniais do plantation (inerente à escravidão dos povos negros), nos seguintes termos:

(...) toda uma ecologia de termos, como queer, negritude, descolonização, desconstrução, feminismo, antirracismo, dissidência etc., [são articuladas] (...) em simultâneo a um trabalho de apropriação desses termos e posições como moeda de troca no marco das negociações por fundos (...). Toda uma economia especulativa posta em cena e, outra vez, a extração de um valor total, potencialmente infinito, pois especulativo, drenado a partir de forças de vida historicamente despossuídas de valor e, portanto, expropriadas do valor total de sua própria criação e trabalho. Esse processo de extração, ao mesmo tempo que criou certas condições (sempre parciais e contestadas) de acesso para aquelas de nós que não acedemos ao mundo social de forma linear, refez o território político da plantação, pois reinscreveu a vida negra, indígena, colonizada e dissidente (nossa vida) numa equação ética e econômica do valor como aquilo que é expropriado de nós.

A fimturização depende não apenas da vendabilidade do fim, mas da obsolescência programada do que quer que seja. Pois há na descartabilidade motivos para se comprar mais. Afinal de contas, está na durabilidade o segredo, a vida útil, daquilo que pode ser agenciado. O fato é: o teatro se desgastou ao longo dos séculos. Seus formatos e seus alinhamentos coloniais já não se sustentam. Daí

---

Unido | 2018 | 1h10min | Classificação indicativa: 14 anos).. São Paulo: 7a Mostra Internacional de Teatro de São Paulo - MITsp, 2020. Disponível em: <https://mitsp.org/2020/o-corpo-ciborgue-nao-sera-cis-burgues-por-dodi-tavares-borges-leal/>. Acesso em: 22/12/2020 às 15h49 (Porto Seguro, Brasil).

perguntamos: há cooptabilidade das reinvenções paradigmáticas das artes cênicas? Sim! Apontamos a teatralidade como fimturo do teatro não apenas como uma assunção de que há uma ruptura necessária das artes da cena com os padrões e os patrões. A cispatriarcalidade colonial das artes cênicas acabou. Mas o que se vê é: não apenas a cooptação do fim deste teatro como modo especular de formação de valor de seu fimturo, mas também, um potencial cooptativo das ideias e projetos que contestam esta ordem hegemônica.

E, o que poderia ser uma tempografia sincopada do fim? De que modo fabular o fim para além do fimturo? Há cura para o que não dura?

O mundo acabou  
 Não foi explosão  
 Foi bem aos poucos, ninguém percebeu  
 E o que sobrou é prorrogação  
 De um jogo que a gente já perdeu

Bem-vindos ao after, do after, do after do fim do mundo  
 Bem-vindos ao after, do after, do after, do after (...)

Eu sou a xepa, você é a xepa (...)

Seu rosto, seu resto, seu rastro  
 Seu gosto, seu gesto, seu gasto  
 Entre pratos e retratos  
 Se desfazem em pedaços  
 Disfarçando os fatos  
 Protegendo fetos  
 E tirando fotos fúteis, fotos fúteis, fotos fúteis  
 Fúteis, fúteis  
 Em festas como essa (fúteis)

Olha em volta, curte o fim  
 Aproveita enquanto acaba (se é que não acabou)  
 Olha em volta, curte o fim  
 Aproveita que estamos fritos  
 Que estamos fritas, que estamos frites

(O After do Fim do Mundo - Clarice Falcão ft. Linn da Quebrada).<sup>25</sup>

Talvez o fimturo perca valor entre a atual pandemia e uma eventual próxima doença devastadora. Ou talvez a fimturização ganhe um desenho de software aos moldes dos stories do Instagram. Realmente, os *stories* do Instagram parece que são mesmo microfábulas do fim da fábula. Destacamos que, subscritos no complexo paradigmático do fim da fábula, os espaços digitais onde se deram a produção de saber e de teatralidade durante a pandemia do novo coronavírus em 2020, não se eximiram de produzir atuações enfeitadas de plenitude artística.

A performatividade fabular da cura travesti é uma ação do fimturo do teatro. A divinização do tempo como processo de cura da cena dá-se pela ação digital enfeitada dos elementos terra, água, fogo e ar. A terra tem duração curatorial da

<sup>25</sup> O *After do Fim do Mundo* - Clarice Falcão ft. Linn da Quebrada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0OsZgTwo500>, acesso em 15/1/2021 às 10h48, Porto Seguro - Brasil.



geologia do espaço. O ar promove temporização sincopada da musicalidade necessária para ritmar qualquer fim. A água é, em si, a profundização da memória do mar (*marmória*<sup>26</sup>). E, por último, o tempo do fogo é a modificação dos sólidos em pó. Mas qual a relação dos pós com o fimturo?.

No sentido de "fim de feira", como aparece na música *O After do Fim do Mundo*, de Clarice Falcão ft. Linn da Quebrada, a xêpa nos indica a teatra como trabalhos com o que sobrou do teatro. O fimturo enquanto xêpa temporal da cena tem que ver, também, com a ruína do projeto colonial e moderno de teatro, de ser humano, de gênero e de mundo. A teatra é pós-colonial não apenas porque desenvolve uma anticolonialidade cênica, mas porque está sobre os escombros esfarelados — pós — do teatro. Pó no pajubá se designa "padê". Assim, o trabalho da teatra com o pó da colonialidade e o pó do projeto moderno de sujeito é necessariamente um padê enfeitado, um padê-de-poder. O pó encantrado da teatra é um sinal ao mundo, uma chancela de abertura e expansão: sim, pode! É possível teatrar no fimturo.

### Com Siderações Fim-Mais

A feitiçaria chegou à lua antes de qualquer foguete humano, pois a feitiçaria é a criação da lua e filha dela. E sou feiticeira.

(Quando encontro vocês - Castiel Vitorino Brasileiro)

O jogo com o tempo é uma operação fabular travesti sobre o fim.

Somos siderais porque sempre formos uranistas (PRECIADO, 2019). Neste sentido, há que se travestilizar o luto: "É o fim que faz das certezas ruínas, que faz desabar a verdade, que apaga os contornos, as margens, que dilui o um e o outro, que propicia o encontro, que é ferida e é cura". (RAVENA, 2020, p.18).

O encantramento do mundo é cura teatral para os machucados que exigem fabulação sobre o fim como contraponto à sua vendabilidade. Qual o fimturo do OCISdente colonial, amalgamado à elite racial? Há tempografias sincopadas do fim sideral?

A extinção de grupos sociais (genocídios) sempre foi um diagnóstico de extinção da espécie humana. Dado que a expectativa de vida de pessoas trans no Brasil segue de 35 anos em 2020, mais do que infinitudes, as fabulações travestis sobre o fim chancelam nossas existências oponentes a esta taxa estatística da temporalidade das nossas vidas. Dos finais para os fim-mais. O fim-mais é o após-Calypso travesti.

O fim, seja transitivo ou intransitivo, é sempre trans. A curadoria de arte só

<sup>26</sup> *Marmória*: a ação de memória do mar traz em sua formulação a lembrança, registrada em águas profundas da memória, dos crimes de tráfico de pessoas negras escravizadas pelo Oceano Atlântico para o Brasil. O conceito *marmória* foi criado por Dodi Leal em conversa com a professora e pesquisadora Fabiana de Lima, no projeto Ser é Fiar (da Universidade Federal do Sul da Bahia). O projeto foi realizado no período da pandemia do novo coronavírus pelo Instagram e visou integrar saberes e vivências de professores/as e discentes de artes da UFSB a partir de lives. A referida conversa foi realizada dia 28/08/2020 e intitulou-se: "Ser Atlântica: a escrita e o corpo de mulheres negras". Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEc9XpvJyOF/>, acesso em 20/1/2021 às 14h54, Santa Cruz Cabrália - Brasil.

pode ser temporal se guardar consigo o feitiço do tempo. Fabular a cura é encantrar o tempo. Depois do pó da colonialidade, depois do pó do projeto moderno e depois do pó do capitalismo restam padês poderosos onde as feitiçarias cênicas da teatra são fundamento para o melhoramento e amulheramento do mundo. Fins siderais são curatoriais.

E ela, a elite, que lute!

## Referências

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARARUNA, Maria Léo. **Bricolagem travesti**. Brasília: Padê, 2019.

BRASILEIRO, Castiel. **Quando encontro vocês - macumbas de travesti, feitiços de bixa**. Vitória: Castiel Vitorino Brasileiro, 2019.

HABIB, Ian. Corpos transformacionais: a facetrans no Brasil. In: **Revista Arte da Cena**, v.6, n.2, pp.68-106, 2020a.

HABIB, Ian. Corpos Transformacionais: Proposições decoloniais sobre corpos e diversidades de gênero nas artes da cena. In: ALMEIDA, Saulo Vinícius; BRONDANI, Joice Aglae; HADERCHPEK, Robson Carlos (Orgs.). **Práticas decoloniais nas artes da cena**. São Paulo: Giostri, 2020b.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. do tempo. In: **Pandemia Crítica**, n.038. São Paulo: n-1 edições, 2020a.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LEAL, abigail. me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete y trans. In: **Pandemia Crítica**, n.052. São Paulo: n-1 edições, 2020a.

LEAL, abigail. **Escuiresendo: ontografias poéticas**. Uberlândia: O sexo da palavra, 2020b.

LEAL, Dodi. **Performatividade transgênera: equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral**. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2018.

LEAL, Dodi. A arte travesti é a única estética pós-apocalíptica possível? Pedagogias antiCISTêmicas da pandemia. In: **Pandemia Crítica**, n.094. São Paulo: n-1 edições, 2020a.

LEAL, Dodi. Encontra de Pedagogias da Teatra: afetividades do saber riscar e arriscar. In: **cartografias.MITsp - Revista de Artes Cênicas**, v. 7, p. 22-23, 2020b.

LEAL, Dodi. ROSA, André. Transgeneridades em performance: desobediências de gênero e anticolonialidades das artes cênicas. *In: Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v.10, n.3, pp.1-29, 2020.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. *In: RAVETTI, Graciela. ARBEX, Márcia. (Orgs.) Performance, exílio, fronteiras - errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras / Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOMBAÇA, Jota. A plantação cognitiva. *In: MASP Afterall - Arte e Descolonização*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 2020.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PAVIS, Patrice. *Dicionário da Performance e do Teatro Contemporâneo*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PRECIADO, Paul. *Testo Junkie. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul. *Um apartamento em Urano*. Barcelona: Anagrama, 2019.

PRECIADO, Paul. Aprendendo do vírus. *In: Pandemia Crítica*, n.007. São Paulo: n-1 edições, 2020.

RAVENA, Isadora. *Sinfonia para o fim do mundo*. Fortaleza: LAC - Laboratório de Estética e Filosofia da Arte, LAC - Laboratório de Arte Contemporânea / Universidade Federal do Ceará, 2020.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SILVA, Denise. *A dívida impagável: lendo cenas de valor contra a flecha do tempo*. São Paulo: Oficina de Imaginação Política, 2019.

SIMAS, Luiz. RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz. RUFINO, Luiz. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

TÉO, Preto. *EP*. Brasília: Padê, 2018.

VERGUEIRO, Viviane. *Sou travestis: estudando a cisgeneridade como uma possibilidade decolonial*. Brasília: Padê, 2018.

ŽIŽEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012.